

A mulher mais velha da minha família, eu só conheci através das histórias contadas pela minha avó. Criei um carinho por ela só de ver minha avó com brilho nos olhos falando sobre sua "abuelita". Minha tataravó, essa da imagem, se chamava Soledad. Acho um lindo nome e muito significativo para estar no topo de uma linha ancestral tão cheia de mulheres já que sua tradução para o português é "Solidão". Para mim, a Soledad era uma mulher guerreira, mãe de 4 filhos, teve muita força e coragem de vir da Espanha para cá com a roupa do corpo, seus filhos e começar tudo do zero. Minha vó conta que ela aos poucos conseguiu ter uma pequena mercearia meio padaria que vendia pães quentinhos e que ela quando pequena adorava correr entrando e saindo desse lugar. Me sinto acolhida pela Soledad quando faço crochê, já que aprendi com a minha avó que diz ter aprendido com a dela. De uma forma ou de outra estamos conectadas pela linha que atravessa gerações e tece memórias afetivas de mulheres que foram criadas não só pelas suas mães, mas também pelas suas avós. Hoje, eu também guardo um amor gigante pela minha abuelita e me sinto grata por conseguir falar sobre ela com a mesma potência e carinho que ainda vejo em seus olhos ao falar da sua.

.

.

.

Tataravó Soledad. Série mujeres de mi vida, 2020 em andamento.

Peça 30x40cm composta por foto 3x4 bordada, bordado em bastidor redondo com agulha, crochê, folha seca, fragmento de vidro. Todos os direitos reservados.